

INTRODUÇÃO

Dificuldades na pregação de Cristo a partir de Daniel

Embora as histórias de Daniel sejam muito apreciadas pelas crianças da Escola Dominical, em geral os estudiosos do Antigo Testamento concordam que esse livro é um dos mais difíceis para pregadores. André Lacocque afirma que a mensagem de Daniel “é apresentada de uma forma cheia de armadilhas e ciladas para o leitor”.¹ Brent Sandy e Martin Abegg afirmam que “o gênero apocalíptico tem sido submetido a algumas das interpretações mais falaciosas que se possa imaginar, em grande parte porque os cristãos nem sempre tomam o devido cuidado de entender a intenção original do autor e o significado da mensagem para os ouvintes da época. Qualquer porção da Escritura divorciada de sua cultura original e da intenção do seu autor é como uma criança sem teto vagando pelas ruas, vulnerável a abusos violentos.”²

Milhares, ou talvez dezenas de milhares de páginas, foram escritas sobre problemas introdutórios do livro de Daniel. Um dos principais tópicos se refere à data de sua composição, e questões conexas dizem respeito ao seu autor(es) e ao seu público original. Na verdade, modernos estudiosos críticos, dispensacionalistas e outros têm gerado tanta controvérsia sobre a data do livro, sua historicidade e se Daniel pode ser usado para prever “o fim do mundo”³ que muitos pregadores evitam até mesmo tentar pregar sobre

¹ Lacocque, *Book of Daniel*, 1. Ele acrescenta: “O Livro de Daniel apresenta problemas extremamente numerosos e complexos para o crítico. Não apenas a linguagem apocalíptica é intencionalmente obscura e suas alusões históricas deliberadamente enigmáticas, mas, o que é mais importante, o trabalho é pseudoepigráfico, antecipado, bilíngue e afetado por influências literárias e espirituais de diversas origens estrangeiras, sendo ainda representado por versões gregas de maior amplitude e, muitas vezes, de caráter divergente em relação ao texto semita, etc.”

² Sandy e Abegg, “Apocalyptic”, 187.

³ Muitas vezes na história da igreja, Daniel foi usurpado para prever o fim do mundo. Por exemplo, na década de 1840, William Miller, líder dos mileritas, entendeu os 2.300 dias de Daniel 8, como 2.300 anos e concluiu que Cristo retornaria em algum momento entre 21 de março de 1843 e 21 de março de

Daniel. O *Lecionário Comum* seleciona apenas três passagens de Daniel para o seu ciclo de três anos: ele atribui a leitura de Daniel 12.1-3 para todos os três anos no domingo de Páscoa *à noite*; Daniel 7.1-3, 15-18 no Ano C para o Dia de Todos os Santos; e Daniel 7.9-14 no Ano B para um domingo no final da temporada de Pentecostes. Sibley Towner coloca a questão vividamente: “Por que pregadores deveriam arriscar levar aos seus púlpitos as bombas-relógio acionadas no Livro de Daniel?”⁴

Visto que o meu objetivo principal ao escrever este livro é ajudar pastores a pregarem mensagens em Daniel, e como que as discussões sobre as questões introdutórias complexas podem prejudicar o objetivo, remeto o leitor a outros autores para ver discussões introdutórias mais detalhadas.⁵ Peter Craigie afirma, com razão: “Nós não compreenderemos a relevância do livro combatendo as batalhas da crítica histórica; eventualmente, a mensagem deste livro é revelada àqueles que tentam compartilhar a visão de seu autor”.⁶ Contudo, não podemos evitar as questões introdutórias inteiramente. Visto que sua posição em relação à data de composição, o autor(es) e o público original têm impacto sobre a exposição, o objetivo e a aplicação de uma passagem,⁷ devemos, pelo menos, indicar o nosso ponto de partida e algumas das razões para isso.

1844. O livro de Hal Lindsey, *The Late Great Planet Earth* (Grand Rapids: Zondervan, 1970), tornou-se um *best-seller* na década de 1970. Harold Camping, locutor de rádio da Califórnia, declarou em *outdoors*: “Reserve a Data. Retorno de Cristo. 21 de maio de 2011”. Quando isso não aconteceu, ele mudou a data para 21 de outubro de 2011. Helge Kvanzig, em “The Relevance of the Biblical Visions of the End Time”, *HBT* 11/1 (1989) 35, observa: “Grande parte das aplicações das visões bíblicas do fim dos tempos tem sido uma história de decepção”. Para os seguidores de Cristo, parece bem presunçoso definir a data quando o próprio Jesus disse: “Mas a respeito daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, senão o Pai” (Mt 24.36).

⁴ Towner, *Daniel*, 1-2.

⁵ Veja, p. ex., Montgomery, *The Book of Daniel*, 1-109; Young, *Prophecy of Daniel*, 294-306; Baldwin, *Daniel*, 13-74; Goldingay, *Daniel*, XXV-LIII, 320-34; Collins, *Daniel*, 1-71; Redditt, *Daniel*, 1-39; Longman, *Daniel*, 19-40; Lucas, *Daniel*, 17-43, 306-25; e Steinmann, *Daniel*, 1-73.

⁶ Peter C. Craigie, *The Old Testament: Its Background, Growth, and Content* (Nashville: Abingdon, 1986), 248.

⁷ Os comentaristas se dividem sobre a questão de se o ponto de partida faz diferença para a interpretação. Por um lado, Miller, *Daniel*, 22-23, afirma: “A visão da pessoa a respeito da autoria e da data é importante porque, em última instância, determina a interpretação de todos os aspectos desta profecia”. Por outro lado, Goldingay, *Daniel*, xl, conclui sua Introdução: “Quer os relatos sejam história ou ficção, as visões sejam de fato profecias ou quase profecias, escritas por Daniel ou por outra pessoa, no século 6º a.C., no 2º em algum momento no meio, faz surpreendentemente pouca diferença para a exegese do livro”. Assim também Lucas, *Daniel*, 18. Nós vamos ter que esperar para ver se faz diferença para a exegese, mas certamente o objetivo do autor muda com a decisão de se ele está se dirigindo a Israel que sofre no exílio na Babilônia ou a Israel na Palestina sendo perseguido por Antíoco IV – e com ele o objetivo do pregador moderno e aplicação devem mudar também. Num cenário do século 6º a.C., os objetivos primordiais do autor teriam sido confortar Israel com mensagens sobre a soberania e a fidelidade de seu Deus e incentivá-lo a ser fiel a Deus. Num cenário do século 2º a.C., o objetivo principal do autor teria sido “galvanizar a resistência espiritual dos judeus piedosos contra a perseguição de Antíoco IV e dos helenistas” (Lacocque, *Book of Daniel*, 10). Cf. Russell, *Daniel*, 11, “Esses relatos... devem ser entendidos no contexto do século 2º a.C. no reinado de Antíoco Epifânio. Seu propósito é confortar

O contexto histórico e geográfico de Daniel

O livro de Daniel retrata acontecimentos na vida de Daniel e seus amigos nos anos de 605 a.C. (“No ano terceiro do reinado de Jeoaquim”; 1.1) a 536 a.C. (“No terceiro ano de Ciro”; 10.1). Registra também as visões de Daniel concernentes a épocas posteriores, incluindo o governo de Antíoco IV (8.9-12, 23-25; 11.21-35; 175-163 a.C.) e o “tempo do fim” (por exemplo, 11.40; 12.1-3, 13). A tabela a seguir fornece uma visão geral das principais datas, impérios, pessoas e eventos, juntamente com referências a Daniel.

*História coberta por Daniel*⁸

Data a.C.

625-539	IMPÉRIO BABILÔNICO	Dn 2.37-38
605-562	Nabucodonosor	Dn 1-4; 7.4
605	Daniel e seus amigos levados para a Babilônia	Dn 1.3-4
597	Jerusalém tomada; muitos judeus exilados	2Rs 24.10-17
587	Jerusalém destruída; templo queimado; remanescente judeu exilado	2Rs 25.8-21
562-560	Amel-Marduque (Evil-Merodaque)	2Rs 25.27-30
560-556	Neriglissar, genro de Nabucodonosor	
556	Labashi-Marduque	
556-539	Nabonide	
550-539	Belsazar (corregente com seu pai Nabonide)	Dn 5; 7.1; 8.1
539-331	IMPÉRIO MEDO-PERSA	Dn 2.39a
550-530	Ciro/Dario, rei medo-persa	Dn 1.21; 5.31; 6.1, 28; 8.3-4, 20; 9.1; 10.1; 11.1

e encorajar o povo judeu em um ambiente em rápida mutação e em meio a uma cultura estrangeira que, em muitos aspectos, era bastante hostil ao ensino e à prática de seus pais”. Cf. Portier-Young, *Apocalypse against Empire*, 229: “Os escritores de Daniel delinearam um programa de resistência não violenta para seu público ao édito e à perseguição de Antíoco e aos sistemas de hegemonia e dominação que apoiaram o seu governo”.

P.S.: Após estudar todos os doze capítulos, descobri que a data que a pessoa assumir para Daniel faz uma grande diferença nas narrativas. Por exemplo, que tipo de conforto Daniel 3 e 6 podem dar se a mensagem de que Deus é capaz de salvar o seu povo da morte certa for um relato de ficção? Mas a data faz uma diferença ainda maior no discernimento e na pregação das mensagens das visões de Daniel (Dn 7-12). Sobre a suposição da data do século 2º a.C e o quarto reino ser a Grécia, as visões se concentram em Antíoco IV e mal passam dele, certamente não até a plenitude do reino de Deus. Veja, p. ex., Redditt, *Daniel*, 146, “Daniel 8 foi mal interpretado como se a morte de Antíoco fosse trazer o reino de Deus”.

⁸ Eu compilei esta tabela com dados de Baldwin, *Daniel*, 73; Lucas, *Daniel*, 43; Miller, *Daniel*, 292-304; Steinmann, *Daniel*, 521; Towner, *Daniel*, 16-18; and Young, *Prophecy of Daniel*, 302-3.

539	Babilônia cai para Ciro	Dn 5.24-30
538	Retorno do remanescente de judeus exilados	2Cr 36.22-23; Ed 1-2
530-522	Cambises	Dn 11.2
522	Esmérdis	Dn 11.2
522-486	Dario I	Dn 11.2
520-516	Reconstrução do templo	Ed 6.15
486-465	Xerxes I/Assuero em Ester	Dn 11.2
465-424	Artaxerxes I	
423	Xerxes II	
423-404	Dario II	
404-358	Artaxerxes II Nótus	
358-338	Artaxerxes III Ocus	
338-336	Arses	
336-331	Dario III Codomano	
331-63	IMPÉRIO GREGO	Dn 2.39b
336-323	Alexandre, o Grande	Dn 8.5-8, 21; 10.20; 11.3
331	Alexandre vence Dario III	Dn 11.3
301	Império grego dividido entre os quatro Diádocos	Dn 8.8, 22; 11.4
	EGITO (Ptolomeus)	
323-285	Ptolomeu I	Dn 11.5
311-280		Seleuco I Dn 11.5
285-246	Ptolomeu II	Dn 11.6
280-261		Antíoco I Soter
261-246		Antíoco II Theos Dn 11.6
252	Berenice, filha de Ptolomeu II, se casa com Antíoco II	Dn 11.6
246-226		Seleuco II Calínico Dn 11.7-9
246-221	Ptolomeu III Euergetes I	Dn 11.7-9
226-223		Seleuco III Cerauno Dn 11.10
223-187		Antíoco III, o Grande Dn 11.10-19
221-204	Ptolomeu IV Filópatro	Dn 11.11-12, 14
204-181	Ptolomeu V Epifânio	Dn 11.13-19
193	Ptolomeu V se casou com Cleópatra, filha de Antíoco III	Dn 11.17
187		Morte de Antíoco III Dn 11.18-19

187-175		Seleuco IV Filópatro	Dn 11.20
181-146	Ptolomeu VI Filômetro (reinou junto com Ptolomeu VII)		Dn 11.25-27
175-164		Antíoco IV Epifânio	Dn 8.9-12, 23-25; 11.21-35 (-39?)
169		1ª Guerra de Antíoco contra o Egito	Dn 11.25-28
168		2ª Guerra de Antíoco contra o Egito	Dn 11.29
168		Antíoco expulso do Egito pelo cônsul romano	Dn 11.30
167		Altar para Zeus perto do templo de Jerusalém	Dn 11.31
167-163		Perseguição aos judeus	Dn 11.33-35
163		Morte de Antíoco IV	Dn 8.25
63 a.C. – 476 d.C. – IMPÉRIO ROMANO			Dn 2.40
“O TEMPO DO FIM”			Dn 8.17; 11.35, 40; 12.4, 9, 13
Tempo de angústia			Dn 7.25; 12.1
Liberto o povo de Deus			Dn 7.27; 12.1
Ressurreição dos mortos			Dn 12.2, 13
Reino de Deus na terra			Dn 2.35, 44; 7.14, 27; 9.24; 12.3, 13

Como se pode ver nesta tabela, o livro de Daniel trata de quatro grandes impérios mundiais: Babilônia, Medo-Pérsia, Grécia (especialmente o Egito e a Síria) e Roma. O mapa na página 23 mostra a localização desses países, com Israel situado no meio.

O livro de Daniel contém seis narrativas sobre Daniel e seus amigos (capítulos 1–6) e quatro visões de Daniel (capítulos 7–12). Tradicionalmente, a sinagoga, bem como a igreja, sustenta que Daniel escreveu este livro no século 6º a.C. Essa opinião mudou nos tempos modernos.

Uma composição do século 2º a.C.

No século 3º depois de Cristo, um crítico pagão do Cristianismo, Porfírio, atacou a posição tradicional, alegando que profecia não pode prever

eventos com 400 anos de antecedência. Ele sustentou que o autor de Daniel era um falsificador que escreveu o livro no século 2º a.C., depois de esses eventos terem ocorrido (*vaticinium ex eventu*). A igreja declarou a posição de Porfírio como herética, e a posição tradicional foi mantida pela igreja até os tempos modernos. “Mas, durante o tempo do Iluminismo, no século 18, todos os elementos sobrenaturais na Bíblia foram postos sob suspeita; e a teoria de Porfírio recebeu apoio crescente”.⁹ Como Porfírio,¹⁰ esses estudiosos críticos presumiram que a profecia não pode prever o futuro em detalhes.¹¹ Eles também alegaram que o relato de Daniel do exílio do século 6º é bastante vago, se não “confuso”,¹² enquanto as informações dele sobre os séculos 3º e 2º a.C., no capítulo 11, são incrivelmente precisas (veja a tabela acima). Eles argumentaram, portanto, que o autor(es) deve(m) ter escrito este livro não no século 6º a.C., mas no século 2º, após esses eventos terem ocorrido. De acordo com James Montgomery, o autor escreveu este livro “nos primeiros anos da revolta dos Macabeus, 168-165 a.C.”,¹³ embora provavelmente tenha feito uso de material anterior nos capítulos 1–6.¹⁴ Seu objetivo era encorajar Israel a aderir ao levante e se libertar do jugo do cruel rei selêucida Antíoco IV Epifânio (175-163 a.C.).¹⁵

Esses estudiosos respaldam a sua posição ao apontar “erros” supostos históricos sobre o século 6º a.C. nos primeiros seis capítulos de Daniel. Por exemplo, Daniel 1.1 afirma: “No ano *terceiro* do reinado de Jeoaquim, rei de Judá, veio Nabucodonosor, rei da Babilônia, a Jerusalém e a sitiou”, enquanto Jeremias atribui este evento ao “ano *quarto* de Jeoaquim” (25.1, 9). Norman Porteous afirma confiantemente: “A primeira afirmação no capítulo 1 pode

⁹ Archer, “Daniel”, 13, que menciona “J. D. Michaelis (1771), J. G. Eichhorn (1780), L. Berthold (1806), F. Bleek (1812), e muitos outros depois dele”. Cf. John Collins, *Daniel*, 25-26, e Adela Yarbro Collins, “The Rise of Historical Criticism”, in *ibid.*, p. 121-23.

¹⁰ Collins, *Daniel*, 25, admite que “a linha de raciocínio de Porfírio é essencialmente semelhante à dos críticos modernos: a correspondência entre as predições de Daniel, especialmente no capítulo 11, e os eventos da era helenista é mais bem explicada pela suposição de que a predição teria sido escrita após o fato.”

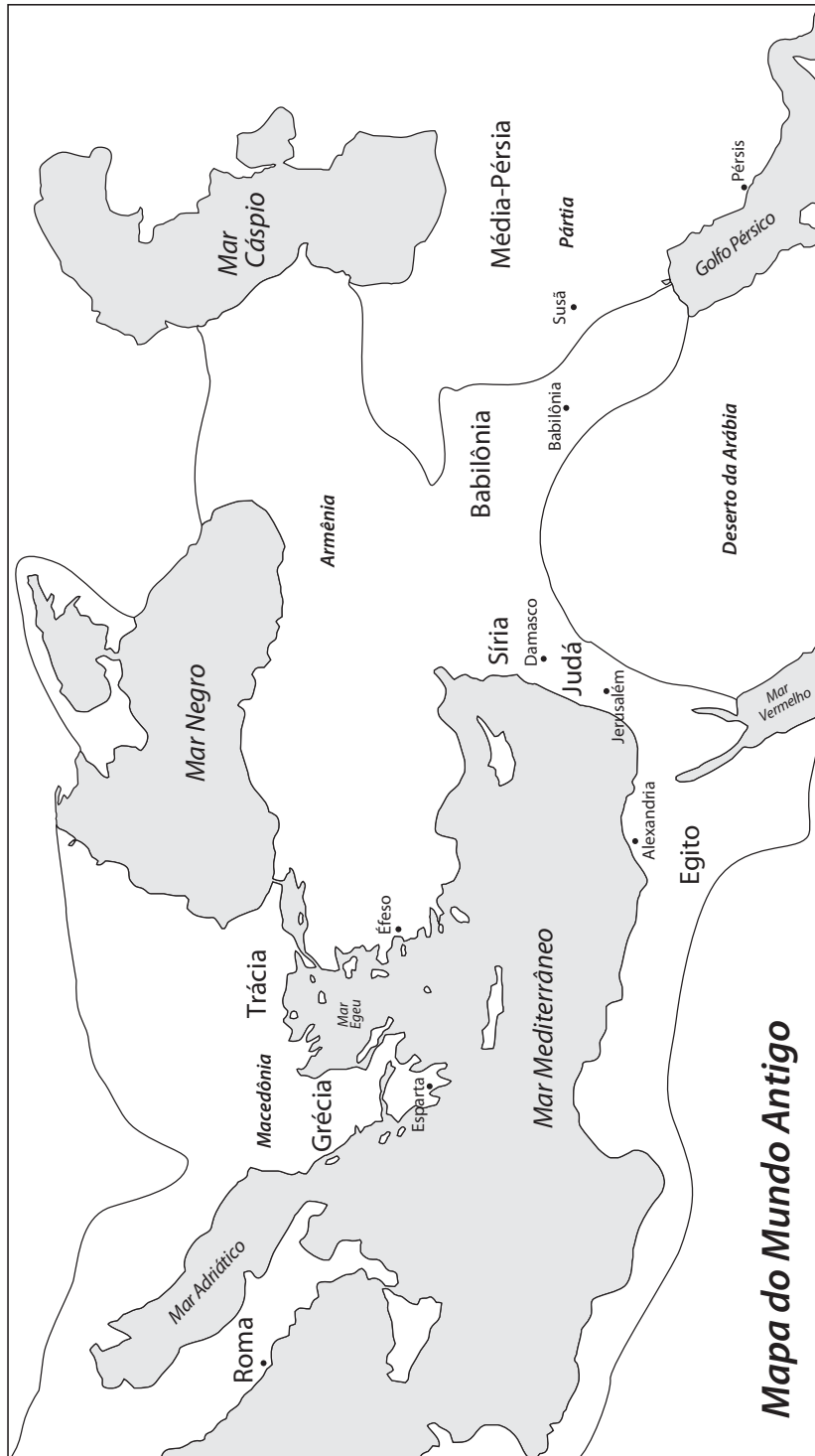
¹¹ Por exemplo, Towner, *Daniel*, 115: “Precisamos assumir que a visão [Daniel 8] como um todo é uma profecia após o fato. Por quê? Porque os seres humanos são incapazes de prever com precisão eventos futuros séculos antes.” Cf. Collins, *Apocalyptic Vision*, 8, “Em Daniel 11.29-39, a segunda campanha de Antíoco é descrita com tal precisão que é claramente um *vaticinium ex eventu*”.

¹² “As referências à história helenista no capítulo 11 são essencialmente precisas, enquanto as referências sobre os períodos babilônico e persa nos capítulos iniciais são notoriamente confusas”. Collins, *Daniel*, 26.

¹³ Montgomery, *Book of Daniel*, 96. Cf. Collins, *Daniel*, 26: “A estimativa da probabilidade é de longe em favor de uma data macabeia, pelo menos para as revelações dos capítulos 7–12, que claramente têm seu foco neste período”. Collins, *ibid.*, 324, data Daniel 7 “precisamente no final de 167 a.C... algo antes das revelações hebraicas dos capítulos 8–12”. Cf. Seow, *Daniel*, 7, “164 a.C.”

¹⁴ Montgomery, *Book of Daniel*, 96, data os capítulos 1–6 no período pré-Macabeu, aproximadamente no século 3º. O mesmo faz Collins, *Daniel*, 47-48.

¹⁵ Veja as citações relevantes na nota 7, acima.



ser demonstrada como imprecisa”.¹⁶ Em Daniel 4.30, o rei Nabucodonosor diz: “Não é esta a grande Babilônia que eu edifiquei para a casa real, com o meu grandioso poder e para glória da minha majestade?” Mas a Babilônia existia muito antes de Nabucodonosor, e os historiadores antigos não se referem a Nabucodonosor como o construtor da Babilônia. Daniel 5.1 afirma: “O rei Belsazar deu um grande banquete a mil dos seus grandes e bebeu vinho na presença dos mil” (cf. 8.1). H. H. Rowley chama isso de “grave erro histórico”, pois nenhum outro texto foi encontrado que o chama de “rei”.¹⁷ Daniel 5.11 e 18 falam de Nabucodonosor como o “pai” de Belsazar. Rowley afirma que “isto é manifestamente incorreto, uma vez que Belsazar é conhecido por ter sido o filho de Nabonide”.¹⁸ Daniel 5.30-31 diz que, quando Belsazar foi morto, “Dario, o medo, com cerca de sessenta e dois anos, se apoderou do reino”. Rowley alega que “Daniel está definitivamente errado na atribuição do trono a Dario, após a queda do império neobabilônico”.¹⁹ Todos estes “erros” em relação ao século 6º a.C., prossegue a argumentação, apontam para um autor que viveu séculos depois desses acontecimentos. Por exemplo, John Collins escreve: “O equívoco do autor sobre o pai e posto de Belsazar... sugere que a história, na forma como a temos, foi escrita numa época em que a memória daquele príncipe se enfraquecera”.²⁰

Esses estudiosos fortificaram ainda mais sua posição em favor de uma data do século 2º com argumentos linguísticos, observando que o autor usou palavras persas, estrangeirismos gregos e, supostamente, hebraico e aramaico tardios.²¹ Seus argumentos são tão extensos que a maioria dos comentaristas modernos rejeita uma data do século 6º para o livro de Daniel. Em vez disso, colocam a data de composição entre 168 e 164 a.C., embora algumas das histórias sobre Daniel e seus amigos possam ser datadas no século 3º ou 4º a.C.

¹⁶ Porteous, *Daniel*, 25. Cf. Collins, *Daniel*, 132, “Dn 1.1 está historicamente errado”.

¹⁷ Rowley, “The Historicity of the Fifth Chapter of Daniel”, *JTS* 32 (1930) 12. Também Redditt, *Daniel*, 2.

¹⁸ *Ibid.*, 20. Cf. Collins, *Daniel*, 32, “Embora ‘filho’ possa valer para ‘neto’ ou mesmo ‘descendente’, Nabonide não era descendente de Nabucodonosor de forma alguma”.

¹⁹ *Ibid.*, 31. Em outro lugar ele chamou a informação de que Dario, o Medo que “ocupou o trono da Babilônia entre a morte de Belsazar e o reinado de Ciro... o problema histórico mais sério do livro... Pois é conhecido com certeza que quem derrubou o império neobabilônico foi Ciro”. H. H. Rowley, *Darius the Mede and the Four World Empires in the Book of Daniel: A Historical Study of Contemporary Theories* (Cardiff, 1935; reimpressão 1964), 9. Cf. Collins, *Daniel*, 30: “Nenhuma pessoa como Dario, o Medo, é conhecida em outro lugar a não ser na narrativa de Daniel”.

²⁰ Collins, *Daniel*, 33. Cf. Rowley, “The Historicity of the Fifth Chapter of Daniel”, *JTS* 32 (1930) 31: “O autor de Daniel não estava escrevendo história autêntica e muito certamente não estava escrevendo história contemporânea”.

²¹ Veja, p. ex., Montgomery, *Book of Daniel*, 22: “Conforme as evidências disponíveis, estas palavras gregas devem inclinar a balança em favor de uma data mais tardia”. Cf. Porteous, *Daniel*, 13, capítulos 2.4a–7.28 “[estão] em um tardio (não antes do século 3º a.C., talvez século 2º) dialeto aramaico, enquanto o resto do livro está em hebraico tardio”.

Mesmo que esses comentaristas estejam certos, eles não podem negar que o “autor *implícito*” do livro de Daniel é o Daniel do século 6º e que o “leitor *implícito*” é Israel no exílio na Babilônia. Isto significa que a intenção do “verdadeiro autor” é que seus leitores ouçam e entendam essas histórias e visões no contexto do século 6º a.C.

Uma composição do século 6º a.C.

Porém, os argumentos desses estudiosos modernos não são convincentes. Primeiro, conforme o próprio Collins ressalta, os esforços para mostrar a relevância dos capítulos 1–6 para a perseguição sob Antíoco IV não são convincentes: “Considerações cuidadosas dos relatos não apoiam a ideia de que eles foram compostos tendo em mente essa situação [de Antíoco IV]”.²² Apesar de Nabucodonosor ter uma natureza cruel e um temperamento terrível, ele não profanou o templo de Deus como Antíoco fez pela instalação de um altar a Zeus sobre o altar de Yahweh. Pelo contrário, no fim, Nabucodonosor confessou que o Deus de Israel era o Deus Soberano, “o Altíssimo” (Dn 4.34-35). Belsazar se aproxima mais de Antíoco quando ele desafiou o Deus de Israel bebendo nas taças sagradas do templo de Deus em seu banquete etílico (Dn 5.2-4), mas isto ainda não está perto de profanar o próprio templo, consagrando-o a Zeus, abolindo “o sacrifício diário” para Deus e oferecendo porcos no altar – a “transgressão assoladora” (Dn 8.11-14; 11.31). Dario é o oposto de Antíoco IV: ele “ficou muito penalizado” por seu amigo Daniel e se empenhou por salvá-lo dos leões até o pôr do sol; ele deseja: “O teu Deus... que ele te livre!”; ele decreta que “em todo o domínio do meu reino, os homens tremam e temam perante o Deus de Daniel” e termina com uma doxologia inspiradora ao Deus de Daniel como “o Deus vivo” (6.14, 16, 25-27).

Segundo, não precisamos aceitar o pressuposto moderno de que a profecia não pode prever o futuro em detalhes.²³ É verdade que os profetas

²² Collins, *Daniel*, 33. Collins continua: “O caso de Rowley é mais fraco em relação a Daniel 6, onde o monarca gentio singularmente se inclina para Daniel e a conspiração contra o herói judeu é inspirada pela inveja pela sua carreira de sucesso na corte. O *Sitz-im-Leben* implícito nessa história não é perseguição religiosa, mas os perigos da minoria judaica que procura ter sucesso no mundo gentio... Apesar de os argumentos de Rowley e outros, não há nenhuma passagem em Daniel 1–6 que seja necessariamente entendida como uma alusão ao tempo de Antíoco Epifânio ou seja agora geralmente aceita como tal.” Cf. Collins, *Apocalyptic Vision*, 9-10; e von Rad, *Old Testament Theology*, II, 309-10.

²³ Cf. Baldwin, *Daniel*, 184-85: “Com relação à profecia como predição, a igreja tem certamente perdido sua coragem. Um humanismo racionalista terreno invadiu de tal maneira o pensamento cristão que tingiu com um leve ridículo todas as reivindicações para se ver na Bíblia algo mais do que as referências mais vagas a eventos futuros. O pensamento humano, entronizado, julgou um capítulo como Daniel 11 como história escrita após o evento, ao passo que Deus entronizado, aquele que esteve presente no início do tempo e estará presente quando o tempo acabar, pode seguramente clamar com razão: ‘Anuncie as coisas futuras, as coisas que hão de vir!’ (Is 44.7).”